
Resenhas

Entre o espetáculo e a solidão: as transformações da intimidade

Ilana Feldman

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, mestre em Comunicação e Imagem pela Universidade Federal Fluminense e graduada em Cinema pela Universidade Federal Fluminense, atuando também como colaboradora das revistas *Cinética* e *Trópico*.

Resenha do livro:

O show do eu – a intimidade como espetáculo, de Paula Sibilia.
(Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008).

Blogs, fotologs, webcams, Orkut, Youtube, MySpace, videologs... O que haveria de comum a todos esses dispositivos tecnológicos que mediam as novas formas de sociabilidade e os novos “modos de ser” de nossa época? Que mundo e que tipos de subjetividades esses virtualizados dispositivos de comunicação, interação e autoestilização estariam possibilitando construir? Nesse panorama, pautado pelo desejo de visibilidade total e pelo culto à personalidade, haveria ainda sentido falar em “intimidade”, “vida privada” e “realidade”?

Para responder a essas nada fáceis perguntas, a antropóloga e ensaísta argentina Paula Sibilia, também professora do curso de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, tem-se dedicado nos últimos anos a pesquisar as novas práticas autobiográficas, ou “confessionais”, de exposição pública da vida privada na Internet, justamente em um momento em que milhões de usuários de todo o planeta se apropriam de diversas ferramentas on-line para expor suas intimidades e criar um tipo de personalidade que lhes pareça espetacular.

Em *O show do eu – a intimidade como espetáculo*, livro originado de sua tese de doutorado na Escola de Comunicação da UFRJ, Sibilia nos conduz por um percurso vertiginoso, em que comparecem rigor analítico, liberdade ensaística e uma profusão de objetos literários, televisivos, cinematográficos e artísticos: filmes, programas de TV, reality shows, biografias, arte contemporânea e renovadas formas de romances epistolares e diários “íntimos”. Evocando desde as primeiras páginas a fundamental pergunta nietzschiana, “como alguém se torna o que é?”, a autora transita, em seus instigantes e variados exemplos, entre Nietzsche e Bruna Surfistinha, Clarice Lispector e Vera Loyola, Virginia Woolf e Clara Averbuck, Fernando Pessoa e Kléber Bambam, Freud e Lola Copacabana...

Nesse panorama histórico e cultural tão desconcertante quanto espantoso, em que o velho slogan “faça você mesmo” vem sendo substituído pelo “mostre-se como for” e em que o verbo “ser” torna-se um efeito do verbo “parecer”, *O show do eu* tem como desafio compreender a pregnância de nossas práticas culturais, sobretudo aquelas confessionais e performativas, na conformação daquilo que somos. Mas o que determina aquilo que se é? E como as transformações que atravessam os modos de subjetivação contemporâneos estão vinculadas ao ambíguo estatuto que vêm adquirindo os pares, até então opostos, entre público e privado, ficção e realidade, intimidade e exterioridade, pessoa e personagem?

A tese central do livro aponta que a passagem do século XX para o XXI está sendo marcada por um deslocamento do eixo central que alicerça a experiência de si, implicando fortes mutações nas formas com que nos construímos como sujeitos. Assim, em vez daquelas subjetividades tipicamente modernas, pacientemente elaboradas no silêncio e na solidão do espaço privado (um tipo de caráter introdirigido), proliferariam de maneira crescente as personalidades alterdirigidas, voltadas não mais para “dentro de si”, mas para “fora”, visando à captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais.

Por isso, cada vez mais, segundo Sibilia, as subjetividades contemporâneas parecem se ancorar na exterioridade, naqueles sinais visíveis emitidos por um corpo, assim como na conquista da tão almejada visibilidade. Tendência que refletiria certo esvaziamento da interioridade, no sentido de um espaço

íntimo e privado localizado “dentro” de cada indivíduo: uma esfera interior que, ao longo da Modernidade, constituía o eixo em torno do qual as subjetividades eram definidas, zelosamente alicerçadas e laboriosamente edificadas, seja por meio de introspectivas técnicas hermenêuticas, seja por meio dos relatos proporcionados por cartas, diários e epístolas.

Atualmente, porém, de acordo com a autora, estaríamos vivenciando importantes transformações na maneira com que os indivíduos configuram e vivenciam suas experiências subjetivas. Acompanhando as fortes mudanças que estão ocorrendo em todos os âmbitos – compassadas por tendências como a aceleração, a sensação de fragmentação, a globalização dos fluxos comunicacionais e financeiros, a digitalização e a virtualização –, estaríamos atravessando mutações igualmente profundas na definição da subjetividade individual.

Como consequência dessas sacudidas, “a verdade” sobre o que cada um é não se encontraria mais no cerne de nossa interioridade psicológica - naquele magma denso e misterioso “oculto” dentro de nós -, mas, cada vez mais fortemente, ela passaria a se expor nas superfícies das peles e das telas, sobretudo as telas do computador. Isto é, o apagamento dessa romântica espécie de magma interior que costumava dar consistência ao homo *psychologicus* estaria cedendo terreno a outras construções identitárias, de algum modo mais afinadas e compatíveis com as demandas da sociedade contemporânea.

Em uma cultura que suspendeu – ou, no mínimo, relegou para um segundo plano – as indagações sobre as causas profundas e os fundamentos, na qual as idéias de real e de verdade sofreram sérios abalos, é sabido que a eficiência e a eficácia (isto é, a capacidade de produzir efeitos) se tornam argumentos inquestionáveis. Assim, nos mostra O show do eu, tendências confessionais, exibicionistas e performativas alimentam novas modalidades de construção subjetiva e consumo identitário, em uma espetacularização do eu que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado fato de ser visto.

Porém, essa construção de si como personagem visível, ressalta a autora, denotaria um flagrante pavor da solidão. Pois, diferentemente das “pessoas reais”, os personagens que habitam os blogs, fotologs e outros “logs” do ciberespaço nunca estão a sós, já que, pelo menos em tese, há sempre alguém olhando ou acompanhando tudo o que eles fazem (e também o que não fazem). Nesse sentido, as novas subjetividades construídas na visibilidade das peles e das telas denotariam um tipo contemporâneo de fragilidade, por conta tanto da dependência do olhar alheio quanto da perda das âncoras que sustentavam, até outro dia, o “eu” moderno. Mas, sabemos todos, se tal íntima fragilidade se realizar tal como um espetáculo, certamente a solidão será bem recompensada.